

Obs: As notas de rodapé são observações da tradutora.

MILTON GURAN - Hoje, 25 de setembro de 1995, na casa do senhor Gonçalves. O nome do senhor é?

LÉON GONÇALVES - Léon.

MG - Léon, Léon Gonçalves, professor aposentado, com a presença também de Adolph Gonçalves, que já conhecemos porque conversamos ontem. Então, estamos no dia 25 de setembro de 1995. Léon, quando o senhor nasceu?

LG - Eu nasci em 1930.

MG - 1930, em Porto Novo?

LG - Sim, Porto Novo.

MG - Como era o nome do pai do senhor?

LG - Antoine Gonçalves.

MG - Antoine Gonçalves. E a mãe do senhor?

LG - Cathérine.

MG - Cathérine, a mãe do senhor, é também oriunda de uma família afro-brasileira?

LG - Não.

MG - Ele era gom?¹

LG - Não, ela é Nagô².

MG - Nagô. Então o senhor fala nagô?

LG - Sim.

MG - A língua de família que o senhor fala com...

LG - Eu falo nagô.

MG - O senhor tem ???³ antigos?

¹ Grupo étnico e língua falada na região de Porto Novo, no Benim.

² Segundo R. C. Abrahams, o nome Nàgó designa os Iorubás de Ìpó Kiyà, localidade na província de Abeokutá, entre os quais vivem também, alguns representantes do povo Popo, do antigo Daomé. O termo proviria da palavra fon *anago*, usado outrora com o significado de “piolhento”. Isso porque, segundo a tradição, os Iorubás, quando chegaram à fronteira do antigo Daomé, fugindo de conflitos interétnicos, vinham famintos, esfarrapados e cheios de piolhos.

LG - Sim.

MG - ???⁴

LG - Dois irmãos.

MG - E os seus irmãos, eles são casados com pessoas afro-brasileiras? Ou de famílias Nagô?

LG - Tem um que é casado com uma mulher de família brasileira, e outro, família Nagô.

MG - E a irmã?

LG - Minha irmã é casada com um homem de família gom.

MG - E a avó do senhor, ela era Nagô também?

LG - Minha avó paterna?

MG - Sim.

LG - Ela é da família De Campos.

MG - Ah, De Campos. De Porto Novo?

LG - Sim, de Porto Novo.

MG - Ah, eu conheço algumas pessoas da família De Campos de Porto Novo. E a avó materna?

LG - Ela é da família Prodzi d'Abomé.

MG - De Abomé. É uma família fom⁵. E me diga uma coisa, senhor Léon, o senhor que tem ligações familiares com os gom, os nagô, os fom, será que ser brasileiro é diferente de ser nagô, fom ou gom?

LG - O senhor sabe, estamos todos em Cotonou, por exemplo, não fazemos distinção entre nagô, fom, brasileiro, etc. São quase os mesmos hábitos. É difícil discernir qual é a origem de tal pessoa, tal pessoa.

MG - Isso na vida privada, nas relações com as crianças, as histórias de família, não tem nenhuma diferença?

LG - Não grande diferença.

MG - Nas cerimônias fúnebres, por exemplo.

³ Pontos de interrogação do manuscrito.

⁴ Idem.

⁵ Fon, Fom ou Fongbé é uma subdivisão do povo Ewe, ditos Ewes orientais; e também a língua falada por eles.

LG - Ah, sim! Para as cerimônias fúnebres tem uma pequena diferença. Nas famílias gom, por exemplo, tem seus ritos. A família fom de Abomé tem seus ritos. É em Cotonu que tudo é misturado, é uma mistura.

MG - Em Cotonu as tradições são apagadas.

LG - Sim é isso.

MG - Porque, de uma maneira geral, quando tem uma morte... O senhor é católico?

LG - Sinceramente é difícil dizer, quê. Eu nasci católico, fui batizado três dias depois.

MG - Eu também.

LG - Três dias depois me batizaram.

MG - E isso acabou aí.

LG - Sem perguntar minha opinião.

MG - É o meu caso ???⁶ porque tem brasileiros que são muçulmanos. Tem muçulmanos na família Gonçalves?

LG - Não.

MG - Eles são todos, todos católicos?

LG - Sim.

MG - Bom, eu não sei o que perguntar ao senhor. O senhor se lembra de quando o senhor era pequeno, de brincar com outros brasileiros ou de participar de festas brasileiras, como o Senhor do Bonfim, como o *bourian*, ou alguma coisa assim?

LG - Sim, nós fazíamos a festa de *bourian*, nós íamos dançar em respeito ao Bonfim, eu tenho até uma tia que é muito idosa, que é realmente ligada a essa história de Bonfim e *bourian*.

MG - Como ela se chama?

LG - Pauline Do Ango.

MG - Pauline Do Ango.

LG - É uma professora aposentada.

MG - Então faz bastante tempo que o senhor festeja o Bonfim e a *bourian*?

LG - Isso é um pouco... Não é mais popular, é um pouco a portas fechadas.

⁶ Pontos de interrogação do manuscrito.

MG - Aqui em Cotonu. Porque em Porto Novo é ainda popular. Eles fazem desfiles, é mais aberto. Mas aqui em Cotonu, é verdade que, Cotonu tornou-se uma cidade moderna, com discotecas e tudo isso, as pessoas não querem mais saber de *bourian*, esse tipo de festa, não?

LG - Sim.

MG - Então, o senhor é professor. Uma coisa que me impressionou muito aqui, que chamou minha atenção, é que eu discuti com as crianças, os jovens, homens, etc., e eu perguntei se ser brasileiro apresenta alguma diferença. Eles dizem: “- Ah, sim. Na escola alguém aponta o seu sobrenome e diz que você é escravo, pessoas importadas, etc”. E o senhor, é professor aposentado, como se passa entre os pequenos na escola?

LG - Entre os?

MG - Entre os pequenos na escola, chamam os brasileiros de escravos? E os brasileiros, chamam os outros de selvagens?

LG - Não, isso já é passado. A história levou tudo isso embora.

MG - Quando o senhor era pequeno havia isso ainda?

LG - Nem tanto. Não tem, enfim, nós estamos juntos, somos moldados e não tem distinção alguém que quiser dizer: “Eu sou isso, você e aquilo”. Nós rimos fraternalmente, acabou. É que nós festejávamos, nomeio tempo, quando eu era pequeno, a festa do Bonfim, de uma maneira um pouco mais atraente do que hoje em dia.

MG - Em Porto Novo.

LG - Em Porto Novo.

MG - O senhor viveu em Porto Novo até que idade?

LG - Eu vivi em Porto Novo até a idade de 19 anos.

MG - Até 1954, por aí.

LG - Não, eu nasci em 1930.

MG - Ah, 49. Depois o senhor veio para Cotonu?

LG - Sim, para Cotonu.

MG - Então, quando o senhor era pequeno, por volta dos anos 40, a festa em Porto Novo, ela era mais animada.

LG - Sim, muito animada.

MG - O senhor conheceu um francês que mora no Brasil e que se chama Pierre Verger? O senhor o viu por lá, em Porto Novo?

LG - Não.

MG - Esse senhor, o senhor não o conheceu. O senhor já ouviu falar de Pierre Verger?

LG - Não.

MG - Ele escreveu um livro sobre todos os africanos que foram para o Brasil, que voltaram para cá, todos os tráfico lá. Um livro bastante interessante. E você, Adolph, você quer dizer alguma coisa?

AG - Eu, justamente, o senhor colocou uma questão que é muito interessante, que me preocupa essa questão, é o fato que quando nós éramos jovens, bom, tinha as festas de *bourian*, somente, eu, do meu lado pessoal, como minha mãe era portuguesa, eu vivi bastante isso entre as famílias portuguesas do Senegal. Então, eu queria saber se atualmente, no Brasil, tem uma distinção entre brasileiros e portugueses. Primeiro eu queria saber, entre vocês tem o Momo Português, é uma festa entre nós, os jovens, uma dança que nós fazemos e que gostamos bastante. Então, eu queria saber se tem uma diferença entre as festas portuguesas e as brasileiras.

MG - Tem uma diferença absoluta, bem, primeiro (CORTE), é o que...

LG - É o Sylvain⁷, do Rio.

MG - É o Sylvain, do Rio, para colocar a *bourian* lá. Ah, sim, é possível.

LG - Nos filmes, quê.

MG - Sim, tem uma grande festa de carnaval lá [no Brasil].

LG - Não é um festival, é um carnaval.

MG - Sim, o senhor fala do carnaval. O senhor sabe, o carnaval é uma festa nobre. É a maior festa do planeta. É Momo, não podemos imaginar, hein. Todo o mundo dança [?]⁸ mesmo hoje que, não é realmente todo mundo que entra dentro, mas a maior parte faz a festa, é por isso que o carro de Cotonou faz a festa.

LG - O senhor se envolve igualmente.

MG - É isso, você se envolve, é uma festa muito interessante. Em Porto Novo, fazem um tipo de carnaval durante a Epifânia, que chamam de carnaval de Epifânia. É interessante, também, eu vi um desfile, não é como no Brasil, você viu na tevê, é uma festa enorme lá [no Brasil]. Sim, temos outras festas no Brasil que são próximas da *bourian* que chamamos ???⁹. Isso quer dizer tim tim do boi, em vez de ser uma *bourian*, é uma burra, é um boi, que brincamos dentro, é todo parecido, é muito próximo.

LG - Eles fazem isso aqui também.

⁷ A palavra parece ser Sylvain, mas não faz sentido.

⁸ Caligrafia ininteligível.

⁹ Pontos de interrogação no manuscrito.

MG - Com um boi?

LG - Com um boi, sim.

MG - Na festa da *bourian*?

LG - Sim.

MG - Tem uma associação de *bourian* em Uidá, o senhor conhece?

LG - Eu conheço a casa, lá onde eles estão na casa, mas eu não conheço, aliás, é uma família, é a família D'Almeida, sobretudo, que é muito associada a isso.

MG - Vou tentar ver as pessoas de Uidá para essa associação de *bourian*.

LG - É ???¹⁰ a história de alternância e a história de Papa.

MG - A história de Papa. Nós estávamos discutindo lá, ele me falou um pouco e qual história você está falando?

LG - Por exemplo, a árvore genealógica.

MG - Sim, ele falou. Isso é importante.

LG - Nós tínhamos falado do general deles que morreu, da família Gonçalves, o fundador mesmo da família Gonçalves. ???¹¹ Francisco, que morreu. E parece que é no Momo, em Aguê, que enterraram seus capacetes, seus...

MG - Bom, ele morreu há muito tempo, era o fundador da família. Adolph me falou que ele mesmo encontrou os capacetes, as medalhas, tudo isso. Lá, sim, sim, mas isso faz muito tempo que ele morreu. O senhor veio de que ramo da família Gonçalves? Eu vou tentar responder isso aí. Por exemplo, Francisco José teve um filho que se chamava Agostino, um filho que se chama Joachim, e uma filha chamada Camille.

LG - Eu sou do ramo Camille.

MG - O senhor é do ramo Camille. O senhor descende de Antoine, Nafir ou Lazard?

LG - Eu sou de Antoine.

MG - Antoine é o avô do senhor. E o pai do senhor?

LG - Meu pai.

MG - Antoine é o pai do senhor. E seus irmãos, eles se chamam como, senhor Léon?

LG - André, Roger, uma irmã Juliette, uma segunda irmã Gisèle, Irène, eu acho que eu falei já do Benoît.

¹⁰ Idem.

¹¹ Idem.

MG - E os filhos do senhor, como eles chamam? Eu os conheço?

LG - Tem a Felicité, Hector, Hémeric, na ordem cronológica, é Gatien, Josiane, Hernan.

MG - É uma família grande, hein!

LG - Sim.

MG - Então, nós temos a árvore genealógica completa. O senhor, Léon, o senhor conhece a história do capitão Gonçalves, que chegou aqui? O primeiro?

LG - Sinceramente falando, não.

MG - O senhor nunca ouviu falar um pouco da história dele?

LG - Sim, eu ouvi falar de Francisco, então um pouco de informações sobre isso.

MG - Sim, a história.